

## **NIILISMO, MODERNIDADE E TÉCNICA EM HANS JONAS**

*João Batista Farias Júnior (Bolsista ICV/Ufpi), Prof. Dr. Helder Buenos Aires de Carvalho (Orientador, Departamento de Filosofia/UFPI)*

### **Introdução**

Jonas em sua obra mais importante, *O Princípio Responsabilidade*, busca repensar a relação ser e dever levando em consideração o estado crítico da natureza humana na modernidade, em que o sujeito está perdido diante de um subjetivismo de valores (Hans Jonas, 2006). Assim, Hans Jonas nos propõe uma questão fundamental para a superação da crise da qual se fala e para uma retomada da relação ser e dever, agora em um âmbito mais condizente com a vida em seu sentido amplo, abrangendo todos, inclusive aqueles que ainda não são. Tal questão, ou melhor proposta, é uma teoria ética baseada no conceito de responsabilidade.

Nossa investigação aqui visa salientar três conceitos importantes para a compreensão da obra mestra de Jonas, são eles niilismo, modernidade e técnica. Os três se relacionam no pensamento de Jonas a partir da conexão que este estabelece entre o clima moral niilista de nossa época, a modernidade filosófica, e o uso intensivo da tecnociência que lhe é associada. A partir do estudo e elucidação do vínculo entre tais conceitos partiremos para um estudo dos limites e aplicação da ética jonasiana.

### **Metodologia**

A partir da análise da principal obra de Hans Jonas, *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (1995 [1971]), onde ele apresenta as bases de sua crítica à modernidade, juntamente com a obra *O Princípio Vida* (2005), buscou-se primeiramente apresentar alguns dos pontos principais para entendimento do pensamento de Jonas; bem como alguns artigos e capítulos de livros de intérpretes de sua obra, buscando com isso uma análise interna de sua teoria (Viana, 2010; Fonseca, 2011). Feito isso partimos para um segundo momento do trabalho que se deu com o estudo do pensamento de Jonas acerca da relação homem-natureza e o problema ambiental a partir da perspectiva da responsabilidade. Atentamos então para um dos principais problemas apontados por Jonas: o niilismo moderno e a sua apropriação pela técnica (Alencastro, 2004; Araldi, 1998; Pecoraro, 2010), desejando com isso apontar para a conexão que se deu entre a técnica e o niilismo na modernidade, para que possamos melhor pensar junto a Jonas sobre o modo como o seu conceito de responsabilidade enfrentará e tentará superar essa crise.

### **Resultados e Discussão**

Hans Jonas chama-nos a atenção para a questão da técnica tornar-se 'meio para os fins extrativistas e capitalistas da natureza' e para a exploração da natureza sem uma reflexão sobre os limites e a possibilidade daquela renovar-se. "Se antes da revolução industrial, a técnica era um tributo prestado à necessidade, agora é a mais significativa tarefa humana. [...] A técnica antes um simples meio, passa a ser, como moderna tecnologia, a própria finalidade." (ALENCASTRO, 2004, p.17).

Jonas em sua investigação salienta o caráter duplo do movimento no qual a técnica está fundada, são eles a potencialização do sujeito e a desvalorização da Natureza. A técnica moderna e essa potencialização do sujeito, muito bem desenvolvida por aqueles pensadores modernos que,

crentes no poder da razão levaram o sujeito a seu mais alto grau de subjetivação, ao potencializarem o sujeito deixaram a natureza em uma condição de disponibilidade, desvalorizada.

O ideal baconiano de que “saber é poder” impulsionou fortemente a ciência e esta, aliada à técnica, adotou não apenas tal lema, mas a partir dele erigiu o núcleo ideário da modernidade: o progresso.

Pouco a pouco se popularizou a ideia de que a conquista, o avanço científico, ou seja, o progresso era o destino humano. Ao homem cabia apropriar-se da natureza e, com seus conhecimentos, utilizá-la a favor da elevação da vida, da melhoria e perspicácia humana. Jonas, no entanto critica o ponto ao qual chegou tal vontade; esta ultrapassou todos os limites do razoável ao pôr em risco a vida. Não mais em busca de sanar uma necessidade, agora o homem busca o mais que a tecnologia tem para lhe oferecer, esquecendo-se de que muito mais necessário é garantir a continuidade da vida.

Assim, o progresso e suas obras situam-se antes sob o signo da soberba que da necessidade. A renúncia a algumas de suas promessas diz respeito ao que excede o necessário, ao passo que sua realização poderia afetar o próprio incondicionado. (JONAS, 2006, p.85).

A ciência e o ideal de progresso pregado na modernidade incorporaram a vida e o homem de tal forma que a técnica passou de um recurso para o homem que necessitava produzir seu sustento para um fim em si mesmo, tornando-se um elemento central para a humanidade do nosso tempo. A dinâmica cumulativa dos efeitos da técnica representa agora um perigo impensável e imprevisível e não há em nenhuma das éticas tradicionais um mandamento que nos resguarde de tal perigo. E nesses termos vemos o niilismo, que Nietzsche dizia estar contido na história do ocidente, amparar-se na técnica e na conjuntura da modernidade.

Num período da história em que a humanidade vive sob a sombra do niilismo, sem normas objetivas, a universalidade deve ser capaz de lidar com a multiplicidade de valores que emergem a cada dia; o ‘princípio responsabilidade’ se configura em uma confissão de uma nova e paradoxal humildade, a de que o poder humano é infinito e ao mesmo tempo insignificante diante dos próprios desdobramentos e consequências de sua aplicação. (ALENCASTRO, 2004, p. 112).

Nesses termos, a ética da responsabilidade terá consigo um aliado para o enfrentamento e superação do limite a que a ética está sujeita na sociedade moderna, a partir do desenvolvimento da obra e da enunciação de seus imperativos, como: “*não ponhas em perigo a continuidade indefinida da humanidade na Terra*” teremos já o fator que influenciará o agir ético ainda que vivamos sobre a robusta sombra de um niilismo passivo, será a “heurística do medo”.

Destarte, Jonas não segue desconsiderando o niilismo, mas antes, diz-nos sobre o que é importante ressaltar. O que nos interessa é considerar a responsabilidade como o fundamento que considera o todo, e esta não nos afasta do perigo, esse mesmo que ronda aqueles que se deixam consumir por um niilismo fraco, mas antes assume o perigo e lembra-nos de seu entusiasmo, esse “entusiasmo negativo” do temor, que, contudo, supera a condição passiva do niilismo. A heurística do medo não é uma chamada à passividade, mas antes uma chamada para que ajamos frente aos perigos de uma catástrofe. Tem-se a partir do medo a retomada da ética, considerando agora diversos outros fatores, tais como: a necessidade de superarmos o antropocentrismo das éticas tradicionais, o dever moral para com as gerações futuras, os perigos das buscas desenfreadas por

progresso e a reconsideração da natureza como um bem a ser preservado por nossas ações morais, nossa responsabilidade com a vida e com a preservação de uma natureza humana.

### **Conclusão**

A conexão que Jonas estabelece entre niilismo, modernidade filosófica e técnica é um componente importante para se compreender a ética da responsabilidade em toda sua extensão, no sentido de podermos então partir para a identificação de alguns dos elementos constitutivos dessa deontologia fundamentada metafisicamente no princípio vida e sua conexão com a liberdade, de modo a fornecer o conceito mediador entre ser e dever ser que é fundamental para a formulação de uma ética da responsabilidade ambiental consistente, rompendo assim com o antropocentrismo, com o pensamento utópico da modernidade, com a separação homem-natureza, e mesmo com o clima de insegurança e absurdo que aparece com a ideia de niilismo.

A partir da chamada para repensarmos a ética na era tecnológica, teremos a possibilidade de pensarmos novamente a vida, incluindo agora em nosso pensamento ético a importância do ser frente ao não-ser, e da necessidade de que exista vida no futuro frente ao desenvolvimento técnico. Se assumirmos a responsabilidade como princípio básico, teremos, quem sabe, a possibilidade de convivermos ainda por muito tempo em paz, sob uma harmoniosa relação com a natureza.

### **Referências**

- ALENCASTRO, M.S.C. *A ética de Hans Jonas: alcances e limites sob uma perspectiva pluralista*. Curitiba: UFPR, 2004. (Tese de doutorado)
- ARALDI, C. L. *Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche*. Cadernos Nietzsche, n. 5, p. 75-94, 1998.
- FONSECA, L. S. G. . *Hans Jonas e a crítica à utopia*. In: Robinson dos Santos; Jelson Oliveira; Lourenço Zancanaro. (Org.). *Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas*. Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas. 1ed.São Paulo: São Camilo, 2011, v. , p. 195-215.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e Conferências*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- JONAS, Hans. *O princípio vida*. São Paulo: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*; tradução do original alemão: Maijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- PECORARO, R. *Niilismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- VIANA, W. C. *A técnica sob o "Princípio Responsabilidade" de Hans Jonas*. Pensando – Revista de Filosofia. Vol. 1, Nº2, 2010, p. 106-118.

**Palavras-chave:** Niilismo, modernidade, técnica, Hans Jonas.